

João Carlos Gomes

 **Temática**
Editora & Cursos



Ilusão dos devaneios poéticos

Antologia  **Poética**
Vol. II

NO SEGUNDO VOLUME da antologia poética do professor João Carlos Gomes, somos convidados a explorar as veredas da sua alma lírica que transita entre a Bahia e a exuberância amazônica. Neste livro, cada poema é uma pintura viva, onde o surrealismo se entrelaça com a realidade em uma dança única de cores e emoções. Entre a densa vegetação e os rios que serpenteiam pela floresta, Gomes revela sua paixão pela vida e pela poesia. Seus versos são como trilhas luminosas que nos levam a descobrir os segredos ocultos nos recantos mais profundos da natureza e da alma humana. O amor é o fio condutor dessas páginas, tecido com delicadeza e intensidade, onde cada palavra é um suspiro, cada estrofe um fragmento de um sonho compartilhado. Na arte poética de João Carlos Gomes, encontramos um eco das raízes culturais da Bahia misturadas com a exuberância selvagem da Amazônia. Seus poemas são como borboletas raras que dançam sobre as águas dos rios, capturando a efemeridade da beleza e a eternidade do sentimento. É um convite para contemplar a grandeza da natureza e a profundidade dos sentimentos humanos, em um universo onde a poesia se manifesta como uma celebração da vida em suas múltiplas formas. O segundo livro da antologia poética de João Carlos Gomes é uma jornada emocionante e reflexiva, onde cada página é uma nova descoberta, um novo encontro com a magia das palavras e a sensibilidade do poeta que enxerga além do visível, na trama intrincada do seu próprio coração.

ISBN 978-65-5273-058-9



9 786552 730589

João Carlos Gomes

ILUSÃO DOS DEVANEIOS POÉTICOS

Temática Editora e Cursos
Porto Velho – Rondônia, 2025

Copyright © by João Carlos Gomes e Temática Editora e Cursos



Temática Editora e Cursos - CNPJ 43.725.908/0001-75
Rua José de Alencar, 2868, Centro, CEP 76.801-064, Porto Velho-RO
(69) 99249-5018 | 98408-9410 (WhatsApp)
www.tematicaeditora.com.br / info@tematicaeditora.com.br

Chefe editorial

Eva da Silva Alves – Doutora em Educação – TEC – RO/Norte

Preparação de originais e revisão

Abel Sidney | Renato Fernandes Caetano

Preparação de textos

Wesllen da Silva Xavier

Design editorial e criação de capa

Rogério Mota

Conselho editorial

Renato Fernandes Caetano – Presidente – Doutor em Antropologia Social – TEC – RO/Norte

José Flávio da Paz – Doutor em Estudos Literários – URCA – CE/Nordeste

Raimundo Nonato Pereira da Silva – Doutor em Ciência Política – UFAM – AM/Norte

João Paulo Silva Martins – Mestre em Filosofia – UFAC – AC/Norte

Valéria Silva Ferreira – Doutora em Educação – UNIVALI – SC/Sul

Ivenise Teresinha G. Santinon – Doutora em Ciências da Religião – PUC Campinas – SP/Sudeste

Juliano Xavier da Silva Costa – Doutor em Educação – La Salle – MT/Centro-Oeste

Aila Luzia Pinheiro de Andrade – Doutora em Teologia – UNICAP – PE/Nordeste

Juan Carlos Crespo Avaroma – Doutor Honoris Causa em Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural – Universidad Autónoma Del Beni – Bolívia

Maria Del Pilar Gamarrá Téllez – Doutora Honoris Causa em História da Amazônia – Universidad Mayor de San Andres – Bolívia

Conselho científico de área: Linguística e Literatura

José Flávio da Paz – Doutor em Estudos Literários – URCA – CE/Nordeste

Auxiliadora dos Santos Pinto – Doutora em Letras – UNIR – RO/Norte

Roziane da Silva Jordão – Doutora em Antropologia – IFRO – RO/Norte

Miguel Nenevé – Doutor em inglês: Estudos Linguísticos e Literários – UNIR – RO/Norte

Rogério Mota – Mestre em Estudos Literários – TEC – RJ/Sudeste

José Maiko Farias Amim – Mestre em Estudos Literários – RO/Norte

Márcia Dias dos Santos – Doutora em Estudos Literários – UNIR – RO/Norte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

G633i Gomes, João Carlos

Ilusão dos devaneios poéticos [recurso eletrônico] / João Carlos Gomes. – Porto Velho, RO : Temática Editora e Cursos, 2025.

66 p.; PDF; 3 MB.

ISBN (digital): 978-65-5273-058-9

1. Literatura brasileira. 2. Devaneios. 3. Ilusão. 4. Sentimentos. 5. Poesia. 6. Reflexão. I. Título.

2025-1614

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992

2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

SUMÁRIO

ciclos	6
o verbo.....	7
a parte	8
triste.....	10
alma	12
lobo	13
separação.....	14
opinião.....	15
animalizo-me.....	16
antropofagia.....	17
gorjear.....	18
posse.....	20
aprendendo.....	21
clamor.....	22
solidão	23
veias.....	24
encantos.....	25
almas	26
folhas.....	27
flores.....	28
voraz.....	29
corpos	30
existência.....	32
inquietações.....	33
volúpia.....	34
vagabundo	35
esquinas	36
janela.....	37

leitura.....	38
lágrimas.....	39
marcas	40
política.....	41
desarmado.....	42
ciúme.....	43
corrompido.....	44
acalentados.....	45
desgrudados	46
rasgado	47
louca.....	48
ruídos	49
melancolia.....	50
despertador.....	51
dor	52
beijo	53
brinquedo.....	54
desmoronando	55
aranhas.....	56
cheiro	57
perdas.....	58
memórias.....	59
abrigo	60
ser	61
raízes	62
sentido.....	63
arriscar.....	64
assim.....	65

ciclos

no reino dos sonhos onde a realidade se desfaz
na terra dos devaneios onde a mente voa em paz
os ciclos da alma dançam na teia da ilusão
onde os amores ecológicos ecoam em canção

na floresta dos desejos onde as árvores suspiram
e os rios fluem com as lágrimas que não se retiram
a estética do ser se revela em cada folha
e a alma se perde na vastidão que a envolve

os amores ecológicos são como flores raras
que desabrocham em silêncio sob as estrelas
e na dança das borboletas nos murmúrios dos ventos
a alma se enreda em laços sutis sem lamentos

na teia da ilusão onde tudo é possível
os devaneios poéticos ganham voz audível
com um mago dos versos surreais
inspirando a alma a vagar por caminhos siderais

entre o verde exuberante e o azul infinito
os ciclos da alma seguem seu curso bendito
e na sinfonia dos sonhos na dança dos amores
a estética do ser se funde com os horrores

mas mesmo na ilusão há uma verdade a encontrar
um eco ancestral que ressoa no ar
que nos lembra que somos parte desse ciclo sem fim
e que os amores ecológicos nos conectam enfim

então deixemos que a alma vagueie nesse mundo surreal
onde o ser se funde com o todo onde tudo é real
e que os devaneios poéticos nos guiem sem hesitação
pelos ciclos da alma na eterna canção

o verbo

o prazer é a revelação da beleza
é construído de momentos arrebatadores
porque ninguém espera
é uma eclosão do prazer

o prazer não é verbal
no prazer
verbo perde o significado

no prazer o verbo não satisfaz
é preciso a revelação do verbo
da semiótica aplicada
para revelar a fenomenologia do corpo

o verbo é só mais uma coisa na vida
só mais uma maneira de ser
é preciso muito aprendizado
para revelar o prazer oculto no verbo

quando amamos nos tornamos seres complexos e sistêmicos
as partes e o todo revelam átomos quânticos
não é preciso as palavras para revelar os signos

nos momentos de prazer
perdemos os verbos
revelamos os signos

dinâmicos e imediatos
uno e múltiplo
revelação dos sujeitos coletivos
eclosão dos ícones e símbolos

a parte

a vida acadêmica nos impõe limites e restrições
com sabedoria resolvemos acatar
os limites e as restrições nos protegem de nós mesmos

vivemos uma vida de sedução e criação
é uma vida que não se presta a receitas e manuais de autoajuda
é uma vida contemplativa sem necessidade de mosteiro
vivemos uma solidão acadêmica em busca da curiosidade

é uma vocação que nos sustenta
sem a necessidade de títulos e remuneração
títulos e remuneração movem a vaidade dos tolos

é uma vida que não é escolhida
e descoberta por nós
ouve-se um chamado
não sabemos de onde
somos movidos pela curiosidade

gostamos das rotinas das aulas
dos contatos com os alunos
dos seminários e das intrigas acadêmicas
repugnamos o masoquismo de ideias

a paixão pelo saber é soberana
desabrocha em cada amanhecer
uma força poderosa incita a busca
pelos obstáculos epistemológicos

a via do universal é rompida cartesianamente
o gosto pelas partes satisfaz o imperativo do todo
os mecanismos de buscas são híbridos e complexos
não há mais verdades absolutas nas teias da vida
se houver é loucura da alma dos bobos da corte

a curiosidade está para o conhecimento
como a libido para o sexo
o conhecimento é revelado pelo prazer
masturbamo-nos com as incertezas íntimas

entre livros e ideias
não há eu sem o tu
eu e tu somos um
e o fim do objeto
agora há apenas a epifania dos sujeitos

não contamos mais o tempo
somos movidos pelos desejos das inquietudes
temos um olhar que move as janelas da alma

não confiamos mais apenas nas palavras
acreditamos na aprendizagem pelos erros
cada de nós traz consigo um conjunto de crenças espontâneas
que geram a curiosidade que busca compreender as partes no todo

triste

hoje foi um dia triste
não sei de onde vem essa tristeza
nem o pôr do sol trouxe de volta a alegria

quem sabe é a mudança dos ventos
que ora nos traz as brisas das esperanças acalentadas
ora nos traz uma tempestade de incertezas vividas

uma brisa de leve sopra o meu rosto
mas não vem pra ficar vai embora
a brisa suave faz as folhas da palmeira balançar
o vento sopra mas não assobia

o sol segue o seu destino
a tarde vai morrendo aos poucos
apenas um casal de araras vermelhas dialoga em língua tonal

o céu vai ficando escuro
as nuvens vão passando de mansinho
aos poucos vai se mostrando o outro lado do dia
uma fina chuva vai chegando devagarinho

as gotículas da chuva vão revelando
que a distância faz ao amor
aquilo que o vento faz ao fogo
apaga o pequeno
inflama o grande

esse mesmo vento que às vezes tira
algo que amamos
é o mesmo que traz algo que
aprendemos a amar

hoje foi um dia triste
não sei de onde vem essa tristeza

alma

escalei o morro do chico mendes em ouro preto
no topo encontrei árvores de várias espécies
uma pequena floresta
trouxe-me boas recordações

no mirante do morro
havia um bosque sem nome e nem vizinhos
no lugar só havia pássaros e árvores

borboletas bailavam nas costas do morro
na profundidade de campo
era só distância
ouro preto do oeste é só fuligem

era uma distância
de uma coisa bela
que nos remetia ao paraíso

subi mais um 'bocadinho' do morro
encontrei uma casa
havia uma enorme antena

no topo do morro
havia um campo verde
não havia cavalos e nem bois

havia apenas pessoas bonitas e feias
contemplando a alma do lugar

lobo

eu tinha um sonho
com a lua mas foi extraviado

como a vida me ensinou
a não chorar decidi esperar

descobri que o voo
da lua não é tão longo

a maior distância
está dentro de nós

o meu dia vai chegar
o tempo não sabe

existem noites
em que os lobos
ficam em silêncio

separação

a saudadezinha passou
ficou apenas o morninho dos lençóis
agora só tenho saudade da parte
que não me pertence

isso não é um sentimento
é apenas um desejo egoísta e possessivo
dos prazeres roubados

não tenho mais fome de ausência
passou com a presença dela
absorveu-me todo
eu e ela tornamo-nos

amor é
a metamorfose da alegria do encontro
e a dialética da separação

neste espaço de graça
ficamos esperando o regresso
porque amar não é possuir

aparece quando quer
só nos resta esperar
voltar a acontecer
a metamorfose do encontro
dialética da separação

opinião

não entendo e nem quero entender as velhas opiniões
o mundo material me deixa perplexo
com seus planetas e seres

definir-me é muito difícil
às vezes pareço um
às vezes singular

animalizo-me

sempre criei caninos
animalizo-me com eles
converso com eles como se fossem gente
empresto-lhes suas próprias características
não é difícil entrego-me nesta relação

criar animais é uma experiência vital
quem recusa a visão de um bicho
está com medo de si próprio

eles revelam a nossa ancestralidade
eles têm os mesmos instintos nossos
embora mais livres e indomáveis

em nossos diálogos
o sorriso é transmitido pelo olhar
os olhos ficam mais brilhantes quando brincamos

a boca fica entreaberta
o rabo abana com sinal de alegria
e as orelhas manifestam atenção

nas minhas dezenas de anos vividos
nenhum ser humano me deu a sensação
de ser totalmente amado
como fui amado sem restrição pelos caninos

quando estou com eles
não sei quem é o animal
se e eu ou o bicho
animalizo-me

antropofagia

a vida acadêmica nos leva a viver a experiência da solidão
a solidão e o sofrimento nos fazem sensíveis à voz dos poetas
tem hora que temos que nos esconder atrás do silêncio

mas ninguém se iluda
para produzir é preciso transubstanciar
leiam
comam
bebam

as experiências acadêmicas são antropofágicas

é preciso devorar autores
na esperança de ser alimentado
pelos saberes e conhecimentos

a experiência acadêmica também é pura magia
precisamos escrever para tocar a alma das pessoas
assim como a música
o vento
a brisa
tocam a alma

gorjear

o silêncio revela janeiro
o tempo não passa
apenas revela
sintomas de uma noite vazia

o silêncio vazio
revela os vazios
de uma noite de insônia

uma fina garoa rompe o silêncio
as gotas finas que chegam
batendo na vidraça
quebrando o silêncio

as gotas que surram a vidraça
quebram o silêncio que existe dentro de mim
revelando a saudade adormecida no peito

as gotas que batem na vidraça
descem escorrendo
como gotas da alma

no mar de dentro
o meu coração pulsa
no ritmo das gotas que
surram a janela

o silêncio palpita no lado esquerdo do peito
revelando o meu estado de firmamento
uma fina dor passa pelas artérias

um sabiá num voo rasante
pousa na janela rompendo o silêncio
que dói em cima do peito

num movimento pneumático
o sabiá quebra o silêncio
de peito estufado gorjeia

impressionando o meu
silêncio
minha alma gorjeia
com a esperança do sabiá

posse

as linhas curvas do teu corpo causam desejos
as curvas e retas da sua existência são invioláveis
quero apenas a parte que não lhe pertence

um sentimento de posse
toma conta dos meus desejos
não quero o todo
apenas a parte que não lhe pertence

o teu corpo é inviolável
os desejos da carne não
são frágeis
quero apenas a parte que não lhe pertence

não seja egoísta
divida comigo
apenas a parte
que não lhe pertence

aprendendo

o meu mundo não é como o dos outros
quero sempre mais
exijo mais de mim
há em mim sede de conhecimento

essa sede é constante
não passa nunca
minha alma é intensa

violenta jamais
atormetada
nunca
apenas uma alma
que não que aceita as dores do mundo

tenho uma saudade constante
não vivo sozinha porque gosto
porque aprendi a ser só

clamor

nem sempre as pétalas são rosa
os vestígios do silêncio presente
são pétalas caídas de um jambeiro

jambeiro em erupção
revela tudo que já foi dito
mas não revela aquilo que foi sentido

as pétalas trazem lembranças
segredos quase perfeitos
construídos no clamor
de um pé de jambo em floração

solidão

está faltando tempo pra gente conversar
ontem quando recebi a sua mensagem já estava dormindo
acordei com o toque da mensagem do celular
li e na hora perdi o sono

antes de dormir havia pensado em você
o meu eu perguntava por você
no silêncio da noite você reapareceu
em forma de mensagem
por fibras ópticas

pela manhã surgiu
no despertar das manhãs
confessou que havia recebido uma mensagem
e resolveu partilhar entre eu e tu

descobriu que a mensagem não era minha é sua
você apenas partilhou entre tu e eu
resolvi devolvê-la com uma provocação
ao seu duro coração

os corações duros parecem que são de pedra
mas os corações de pedra também se quebram
a razão que desconhece a razão

não tenho nada a temer neste lugar
nada a fazer senão amar e ensinar
abrir o peito aos amores e viver essa busca incessante
sem fugir das armadilhas das pétalas da solidão

veias

as minhas buscas ainda vão longe
sonhando demais
não sei aonde vou chegar assim

mas fica a certeza
um dia chegará alguém
que fará sentir
os perfumes da alma

por vários lugares andei
sempre na esperança de saber amar
não aprendi e nem ensinei
das paixões quase morri

amor é carinho
quem ama cuida
mesmo que sejam espinhos

um coração vazio
fica sangrando
com as veias abertas da solidão

encantos

por um longo tempo eu me perguntei
sobre os meus pensamentos e o que imaginei
tinha dúvidas e sentimentos que me perseguiram
pois achava que uma amiga aos poucos perdia

numa mesa de bar começamos a conversar
percebi que as palavras machucavam
você começou a chorar
noite triste
mas ajudou a compreendermos o que queríamos

o tempo passou
logo voltamos a conversar
sorrímos
refletimos
contemplamos
voltamos a nossa aldeia

uma guria sensível
que com pequenos gestos e palavras
faz-me perceber os encantos da vida

almas

de onde nasci
a mulher foi gerada primeiro
só depois é que nasci

sou fruto do verbo
amor
das entranhas de uma guerreira

sou fruto da unidade
de um macho
e uma fêmea

não sou a razão
sou pura emoção
do sentimento de duas almas

folhas

as nervuras das folhas falam
mas que bobagem
elas não falam
apenas sensibilizam
um olhar poético

elas transmitem aroma da poesia
a poesia das folhas
signos de um olhar

não têm linguagem
não respeitam regras
idioma da natureza

as nervuras correm no caule
como um rio
sua seiva
é sangue nas artérias
tão espontânea
nem sabe como foi criada

sutil e bem elaborada
curvas bem elaboradas
são folhas
gestadas no cerrado

nascem das entranhas da terra
são paridas de forma impecável
revelam as belezas das folhas

tornar visíveis os pensamentos invisíveis
os seus traços revelam
a complexidade da vida

não podem ser simplesmente olhadas
precisam ser pensadas

flores

o tempo nunca apaga as lembranças
dos sentimentos vividos
dos amores roubados
o tempo sempre permitiu voos de reencontros

sempre adiciono beleza e vida
o meu jardim tem canteiros
com flores que atraem as borboletas
acanhadas e atrevidas

são flores abertas fáceis de cuidar
são hospedeiras para dar um lar para as larvas
possuem néctar para as borboletas se alimentarem

por isso nos meus canteiros
as borboletas sempre voltam
as flores ficam abertas para permanecerem

elas só voam porque é da natureza das borboletas voar

mas o meu jardim não possui
nem cercas e nem portas
apenas flores abertas

voraz

rua deserta
nem um menino passa
há apenas sombras
daqueles que ali passaram

encostado num poste
havia um velho latão de lixo
que balança pra lá
e pra cá

no balanço do latão
fui ver o que balançava
dentro do latão
havia um pequeno voraz

entre os detritos
a pobre criatura
catava comida

corpos

o ser humano é corpo e alma
todos os corpos são seres vivos
os corpos possuem mente
que percebe raciocina e analisa

um corpo é formado de múltiplas partes
menores e simples
as composições dos menores formam os simples
os simples são quantificáveis e mensuráveis

os corpos possuem dimensões relacionais
de movimentos de repouso rapidez e lentidão
o que diferencia uns indivíduos de outros
as unidades dos corpos conferem-lhes diversidades
mas os corpos não são iguais
nem na mesma família

os corpos possuem dimensões qualitativas
são partes da natureza formada por corpos simples
possuem potências infinitas que revelam a nossa existência

os corpos realizam uma infinidade de coisas
mas precisam ser alimentados
como suas partes são diferentes
os alimentos de cada parte terão de sê-lo também

mas que alimentos são necessários ao corpo
a alimentação de um encontro de dois corpos
onde um ingere o outro

quando dois corpos se encontram
pode haver ordem ou caos
se houve ordem ocorrerá uma sensação que causa alegria
se houve caos haverá uma sensação de raiva que causa a tristeza

corpos que nos convêm nos levam a sentir o desejo do prazer
corpos que não nos convêm levam-nos a sentir tristeza
alegria e tristeza são indicadores do corpo e da alma
se não encontramos corpos que não nos harmonizam
as janelas do conhecimento se fecham

amamos aquilo que nos causa alegria
por isso temos que procurar organizar encontros
e nos aproximar daquilo que produz alegria

odiamos aquilo que nos causa tristeza
por isso temos que nos afastar daquilo que nos deixa tristes

o meu corpo cresce com a primeira hipótese
diminui na segunda

a vida é um risco contínuo

há corpos que nos decompõem
e nos levam à morte da alma
deixando-nos em estado de fossilização

mas existem corpos
com os quais nos encontramos
que podem nos levar à ressurreição
de dois corpos

existência

hoje senti uma saudade da minha mãe
ela foi se embora antes da hora combinada

fico pensando por que ela foi embora sem se despedir
com a alma vazia saí para fotografar

fotografei o silêncio
ficou registrado o vazio

fotografei uma nuvem
registrei o universo

preparei a máquina novamente

fotografei o perfume
ficou registrado o cheiro

fotografei o desejo
capturei a sombra de um corpo

preparei a máquina novamente
desta vez com uma lente cambiável 28 mm
esperei o pôr do sol do dia das mães

preparei a máquina
enquadrei
preparei a distância focal
fotografei

capturei a existência

saiu linda a morada da minha mãe

inquietações

não sei se sou razão ou emoção
há momentos que sou pura emoção
mas minhas inquietações são razão pura

minhas emoções são passageiras
levam-me a viver os instantes
e sempre me fazem perder a razão

quando perco a razão
o que responde as minhas inquietações
são as minhas emoções

se não me aquieto não me renovo
minhas inquietações são constantes
são uma revolução permanente
entre a razão e a emoção

volúpia

o clarão que ilumina a calada da noite
explode sensações flamejantes
uma chama rasga
a solidão que cobre o teu corpo
o fogo inflama docemente
uma chama perfumada
que carecia sua timidez
a volúpia da chama
extravasa o teu querer
a noite em chama
intensifica o teu olhar
lânguido de desejo
a chama rompe teu pensamento
com fogo e paixão
a luz acende-te vagarosamente
o teu corpo desnuda
umedecido pela erupção da chama
o teu corpo estremece em ruídos
volúpia do prazer

vagabundo

um coração adormecido
pede para ser apagado
novamente riscado
das marcas do tempo

a tinta da caneta falha
a ponta do lápis quebra
as lágrimas despencam
querendo lhe perdoar

mas só resta a esperança
pra me consolar

fiz do ontem o hoje
e do hoje o amanhã
belas desculpas
para não nunca mais
um coração vagabundo amar

esquinas

nas esquinas da vida
fiz de uma rua iluminada
uma rua escura

dos pedaços da noite
sombras das paixões
que não se apagaram

afetos de corpos
que marcaram
as esquinas desertas

das dores de amores
restaram palavras vazias
de um coração vazio
que não sabe amar

janela

fotografar é como escrever um livro
quem não lê uma imagem
é como alguém que ficou distante da janela
só pode ver uma pequena parte da paisagem
mas se um dia fecharem-lhe as portas da vida
pule a janela

leitura

as minhas leituras
têm me despertado
para o lado poético da vida

os resultados
demonstram vocação
não consciente
nem intencional

escrever poesia é um bálsamo
apascentar a alma
alivia as dores do mundo

antes apascentava fotografando
sem máquina fotográfica
registro as imagens
que são produzidas
dentro de mim

lágrimas

há dias que fico
pensando na vida
e não encontro ninguém
pra me consolar

quanto maior a distância
mais penso em ti
a mente pensante
vagueia pensando

em pensamento
não há estrada
apenas a distância

os olhos despençam
em lágrimas
meditando em ti
que nunca me amou

marcas

as marcas do tempo
quando não se está esperando
ruminam palavras mágicas
mas é tarde demais
para voltar atrás

é como um velho
carro quebrado

no meio de uma
longa estrada
leva-se tempo
para consertar

e numa fração
de segundo
você vê passar o tempo
e não tem mais ninguém
para te consolar

política

estava imaginado se a política fosse inspiração da beleza
somente os sonhos belos se transformariam em políticas
públicas
somente aqueles que contemplam a beleza seriam candidatos

será que o mundo seria mais humano
e os políticos menos mentirosos

não sei

mas acredito que somente
aqueles que contemplam a beleza
são capazes de endurecer
sem nunca perder a ternura

a política é a arte da estética
mas somente os homens de bem
são capazes de praticá-la

desarmado

gosto desta história
de você demarcar
o seu território

guató não possui território
somente uma canoa barriguda
para navegar
no mar do esquecimento

a tristeza
de certos poetas
é uma tristeza alegre

é como a exuberante alegria
dos pássaros que cantam
no despertar das manhãs

é tão fácil ser poeta
o difícil ser um homem
de uma fêmea traída

ciúme

estou amando o seu ciúme
das minhas poesias
mas a minha musa inspiradora
continua sendo você

a poesia faz parte da minha alma
como o sabiá num pé de laranjeira
onde a alma e corpo
ficam em comunhão

você precisa compreender
que existem dois tipos de mentes poéticas
uma apta a inventar fábulas
outra disposta a crer nelas

corrompido

odeio e amo
o amor existe no inferno
ele pode ser corrompido
pelo egoísmo
é uma espécie de antiamor

amamos
quando fazemos
o bem
de outro ser o nosso
bem

há vários riscos
quando não é correspondido
pode criar ressentimentos

tanto o bom fruto
ocupa a vida de quem ama
torna-se uma obsessão

o amor não é algo seguro
nem mesmo o doméstico
pode tornar-se ódio
se corrompido
por aquilo que foi amado

acalentados

em plena ditadura de 64 nasci
numa família em que a pobreza me limitava
fiz-me um jovem cheio de sonhos
entre três irmãos que me governavam

na abertura democrática de 78
parti em busca dos sonhos acalentados
meu pai disse que se soubesse viver
em qualquer lugar viveria

ninguém estendeu a mão
muitos jogaram pedras
outros zombaram de mim

fui caminhando caminhando
pelos caminhos incertos da vida
sozinho e perdido caminhei

devagarinho a vida foi ensinando
a me livrar das pedras jogadas
aos poucos fui tirando as pedras do caminho
mas nunca desisti dos meus sonhos

amadurecido as pedras foram removidas
quebrei muitas arestas
plantei roseiras
colhi espinhos

na escola da vida nem todas as flores foram pétalas
as frágeis precisaram de cuidado
as bravas guerras travaram

os sonhos acalentados enfrentaram
correntes
amarras
houve muitas resistências no jardim da vida

desgrudados

filhos foram muitos
alguns nasceram bravos
outros foram frágeis

os frágeis precisaram de amparo
os bravos nasceram para a diversidade da vida
cresceram sem precisar de mim

filhos
rebentos perdidos na vida
pedaços desgrudados de mim

rasgado

os raios do sol rasgam as nuvens no céu
a solidão da vida invade todo o meu ser
o sol vai se pondo numa penumbra
a noite vem vindo em silêncio

e se eu fosse o pôr do sol
posso não ser o pôr do sol
mas esses momentos são únicos
como o tempo é impreciso

o pôr do sol me traz a calma
me leva a contemplar a luz divina
me dá paz na alma

aos poucos ele vai
nas lonjuras do universo
bem pra lá do fim do mundo
calado e calmo
ouvindo em silêncio o meu lamento rasgado

louca

amemos
quero de amor viver
amar sem sofrer

viver uma louca paixão
sem morrer de amor
viver sem medo de amar

sonhar sem dormir
amamentar de amor
transcender de esperança

quero viver d'esperança
gemer sem sentir dor
nas tuas tranças enrolar

quero sonhar sem dormir
uma louca paixão

ruídos

prolongamento da vida
que deixa marcas
dores
dos amores perdidos e achados

e revela afetos
das (in)confidências
dos amores e sombras
que ainda não foram partilhados

melancolia

não canto porque o instante não existe
a minha vida ainda não está completa
não sou feliz nem sou triste

não gosto das coisas fugidias
elas me incomodam

não sinto gozo na hipocrisia
mas tormento
assim atravesso os dias

não desmorono e nem edifico
mas permaneço firme nos disfarces
um dia tudo isso acaba
com os motivos da minha melancolia

despertador

na minha aldeia
o meu despertador é um sabiá
ela canta e encanta num ipê branco
gorjeia contemplando as manhãs
em oração gorjeia a liturgia das horas

minha aldeia tem mais amores
que não encontro por cá
confesso lá que tenho mais prazer
com o gorjear do sabiá

minha aldeia tem mais ipês
onde gorjeia o sabiá
minhas manhãs são mais alegres
no gorjear de um sabiá

peço a deus que eu não morra
sem que veja a minha sabiá gorjear
sem que desfrute os amores
que tanto desejo no canto de uma sabiá

dor

a perda das pessoas que amamos
nos causa sofrimento
o sofrimento só é sofrimento
sem causa
sem propósito
sem motivo

não há nada que dizer quando perdemos
nada
fica apenas
sofrimento
dor
saudades
ausência

troçamos na experiência da perda
a experiência é uma professora brutal
mas aprendemos
a viver as ausências

pensava que se orasse
poderia amenizar a morte
mas para a morte ainda não há salvação
morremos

não creio no paraíso
mas gostaria de vê-los novamente

lemos para saber que não estamos sozinhos
mas aprendemos que ‘amamos’
para saber que não estamos sozinhos

nada
não há nada que dizer na dor da ausência

beijo

na trilha da vida
não corra
pra que pressa

tem gente que não entende
que os apressados comem cru
e os últimos podem chegar primeiro

há dias que não adiante correr
temos dias de preguiça
as pernas ficam pesadas
e os braços pesam como chumbo
até a cabeça se torna um fardo

mas não se esqueça de uma coisa
mesmo diante da preguiça
ou do cansaço
não há ninguém que corre infeliz

no meio do caminho
há muitas pedras
mas as pedras não têm vida
podem ser tiradas

se não tiramos
podemos tropeçar
e na estrada do tropeço
podemos cair

corra minha menina
ultrapasse os montes
com passos largos e firmes

no topo desta corrida
papai te espera
para o beijo da vitória

brinquedo

crianças
correm
pulam
balançam na rede
adoram histórias

as crianças estão contidas nisso tudo
não gosto de ver as crianças tristes
sem escola
sem um teto para morar

criança é encantamento
leveza
alegria
bênção
sensibilidade

não se educa as crianças com
disciplina
força
punição
e castigo

as crianças são a representação de deus
são representações do mais puro amor
o universo é uma caixa de brinquedos

desmoronando

viver é um desafio permanente
a vida é cheia de altos e baixos
o presente não á fácil
o passado foi duro
mas deixou o seu legado

viver exige sabedoria
a condição de homem é dura
há limitações e muitas
nem sempre somos compreendidos

nasci nos tempos duros da ditadura de sessenta e quatro
não aceitei as contradições do ai5
muitas lutas travei
sem jamais perder a ternura

ficaram as lições
delas me sirvo
aprendi a viver com a indiferença
mas estou vendo
os velhos valores desmoronando

aranhas

manhãs
horas matinais
horas vazias
silenciosas
orvalhadas

uma armação de fios de seda
extremamente finos
criados a partir de glândulas
produtoras de umas fibras

teias sedutoras de estado líquido
solidificam-se em contato com o ar
texturas que te impregnam

armadilha em forma de teias
apanham de surpresa
suas presas para devorar

cheiro

o tempo desperta o desejo
do corpo
do cheiro
do beijo

do toque
que toca a alma
do corpo

seca o desejo
do corpo
do cheiro
do beijo

perdas

o amor exigente
torna-se escravidão
que corrompe

faz exigências soberanas
absolutas
torna-se utilização
dos impulsos

o que era necessidade
torna-se fome de amor
que os afetos não saciam

a satisfação é impossível
onde um ganha
o outro perde

memórias

entre as folhas secas do meu caderno velho
guardo memórias das minhas paixões singelas
como borboletas que pousaram breves
em jardins de verões já distantes

cada página amarelada é um retrato
das emoções que floresceram e murcharam
como rosas que despetalaram ao vento
das promessas que o tempo dissipou

lembro do olhar tímido que me fez tremer
dos sorrisos que eram raios de sol em dias cinzentos
das mãos que encontrei em devaneios noturnos

abrigo

são lembranças que se misturam às sombras da tarde
na melodia suave das canções que dançamos juntos

nos segredos sussurrados ao pé do ouvido
nos suspiros que escapavam sem controle

cada paixão foi um capítulo breve
no romance etéreo das minhas recordações

páginas que se desdobram ao sabor do vento
e se transformam em poesia no coração deste poeta

entre versos e rimas entrelaçadas
as lembranças das minhas paixões encontram abrigo

ser

como pássaros migratórios
que voltam ao ninho
para descansar
nas sombras do meu ser

raízes

na loucura de amar me perdi sem direção
entre delírios e êxtases sem compasso ou razão

fui navegante sem rumo no mar tempestuoso do desejo
afogando-me em paixões que incendiavam meu peito

loucura que me fazia dançar sob a lua prateada
num frenesi de sentimentos que não podia conter

era um incêndio que ardia em chamas febris
consumindo-me por dentro
transformando-me em raízes

sentido

em cada batida desenfreada do coração
era um universo de emoções em combustão

risadas e lágrimas se misturavam num turbilhão
na montanha-russa de êxtase e decepção

a loucura de amar me levava além dos limites
e eu me entregava sem medo ao que fosse proibido

era como voar sem asas
flutuar no desconhecido

perdido em labirintos
onde só o amor faz sentido

arriscar

loucura que me fez acreditar
em promessas ao vento
desafiando o tempo
e as convenções do pensamento

era um abismo onde me jogava
sem hesitar
sabendo que o amor verdadeiro
sempre vale a pena arriscar

assim

na loucura de amar
descobri a intensidade
das tempestades e calma na mesma cidade
loucura que me transformou
que me fez renascer
em cada suspiro
em cada gesto
em cada amanhecer
assim que sei amar

Sou João Carlos Gomes

professor na Universidade Federal de Rondônia
mas antes disso sou um homem feito de palavras
silêncios e memórias

a linguagem sempre me habitou
como quem mora dentro do tempo
observo o mundo com olhos que escutam
e escrevo para não esquecer o que sinto

a poesia me encontrou nas margens do cotidiano
nos gestos simples
nos amores que passam e permanecem
nos pensamentos que a vida não diz em voz alta

meus versos nascem do que é invisível
daquilo que se move por dentro
sou feito de corpo
mas também de alma que se derrama em letra

ensino
mas aprendo a cada dia com o que escapa das páginas
sou poeta por necessidade
porque há verdades que só o poema alcança